



DO DIÁLOGO À AÇÃO: PROCESSOS COMUNICACIONAIS POR UMA CULTURA DE PAZ

William Gonzales Marinho Florencio¹; Giovanna Azevedo Lima²; Paula Betina Compassi da Costa³; Veronice Mastella⁴

Palavras-chave: Comunicação. Processos. Violência. Cultura da paz.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente resumo apresenta a proposta e os resultados parciais do projeto⁵ intitulado “Do diálogo à ação: processos comunicacionais por uma cultura de paz” que tem como objetivo central propiciar espaços de diálogo sobre a temática “violência”, em escolas de Ensino Médio de Cruz Alta e, assim, conjuntamente, planejar e executar produtos comunicacionais focados na construção de uma "cultura de paz" ou de não-violência.

A violência é um fenômeno social crescente na sociedade brasileira. Todos os dias a mídia se encarrega de noticiar novos casos. Os índices, em especial da violência criminal, embora alarmantes, já estão se naturalizando no cotidiano da população. Os reflexos da exacerbação da violência não têm poupado nem os espaços escolares. Dados da Prova Brasil 2015, divulgados pela CNTE (2017) aponta que 51% dos professores (de um total de 132.244 que responderam ao instrumento de pesquisa), já presenciaram agressões verbais ou físicas de alunos a professores ou funcionários da escola. Esse percentual aumenta quando o alvo da violência é o próprio estudante.

De acordo com a pesquisa, 71% (183.927) dos professores já presenciaram agressões verbais ou físicas de alunos feitas a outros alunos. Há ainda outras situações de violência nos espaços escolares como ameaças de alunos a professores. Um total de 22.692 professores (9%) afirmaram já terem sido vítimas de ameaças feitas por alunos, e 4.714 professores (2%) foram vítimas de atentado à própria vida. Essa realidade é agravada quando se detecta que 13.015 professores (5%) já presenciaram seus estudantes sob efeito de bebidas alcoólicas em

¹ Discente do curso de Jornalismo, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: williamgonzales2015@gmail.com

² Discente do curso de Jornalismo, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: giovannaazevedo1@icloud.com

³ Discente do curso de Fisioterapia, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: beehcompassi@gmail.com

⁴ Pesquisadora do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação (GEPELC) da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: vmastella@unicruz.edu.br

⁵ Projeto desenvolvido mediante apoio do Edital de Demanda Induzida/Unicruz.



suas aulas, e 29.737 (12%), sob efeito de drogas ilícitas. Nesse cenário, vislumbra-se situações de violência iminente quando 12.078 professores (5% da amostra) apontam que já presenciaram estudantes portando armas brancas (facas, canivetes, etc.) em suas aulas.

As situações relatadas por professores e estudantes evidencia a necessidade de ações voltadas a contribuir/reforçar para que a escola reassuma plenamente sua condição de espaço de aprendizado e de vivência das primeiras noções de cidadania. Nesse sentido, foram criadas e aprimoradas leis que explicita o papel da escola. É o caso da Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018 que altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece como uma das incumbências das escolas “incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz (...)”. A lei de 2018 explicita, por meio dos incisos IX e X, a obrigação de “promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas e de estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas”.

A violência é um fenômeno social complexo, visto que se trata de “um problema social que acompanha toda a história e as transformações da humanidade” (MINAYO, 2007, p.22). Embora possa se manifestar de diferentes formas, a violência pode ser definida numa perspectiva mais ampla como:

(...) uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002, p. 5).

Tal fenômeno pode se manifestar de diferentes formas e em diferentes situações. Minayo (2007) sistematiza as seguintes tipologias: a criminal, a estrutural, a institucional, a interpessoal, a intra-familiar, a auto-inflingida, a de gênero, a racial e a contra a pessoa com deficiência física. Na contemporaneidade, as situações de violência e suas representações estão presentes de forma marcante na mídia, seja nos discursos dos textos noticiosos ou nos produtos midiáticos voltados ao entretenimento e também nos diálogos do cotidiano que se estabelecem nas interações face-a-face. Tais representações perpassam as diferentes tipologias da violência, desde as mais explícitas (e facilmente identificadas) até as formas mais sutis, naturalizadas e nem sempre compreendidas como tal. A “naturalização” se dá “quando as pessoas ao cometê-las julgam estar fazendo algo normal” (MINAYO, 2007, p.23).



Assim, combater a violência e construir uma cultura de paz exige esforços de todos. Nesse sentido, o propósito deste projeto é contribuir na tarefa das escolas em construir uma cultura de paz dentro de espaços educacionais, por meio de ações que articulam processos de Ensino, Pesquisa e Extensão, cujo detalhamento é apresentado nas seções a seguir.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos deste projeto estão centrados em diferentes processos comunicacionais que começam pela escuta sensível. A escuta sensível se apoia na empatia, voltada a saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro suas atitudes, comportamentos e sistema de ideia e de valores. A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional de outro (NUNES, 2009). Assim, busca-se ampliar a compreensão a respeito do problema, potencializando a capacidade de planejar ações voltadas à promoção da não violência e de uma "cultura de paz". Na primeira etapa do projeto, por meio de diálogos são oportunizadas reflexões voltadas à “desnaturalização” de situações de violência; discutidas as possíveis causas, suas consequências e alternativas para a construção de uma cultura de paz. Na segunda etapa (voltada à ação), busca-se estimular (e orientar) os envolvidos/abrangidos a produzir folders, cards, manual de boas práticas e outros produtos comunicacionais voltados à temática “construindo juntos uma cultura de paz”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O projeto está sendo desenvolvido inicialmente em uma escola estadual de Cruz Alta. As primeiras atividades, de caráter prospectivo, começaram com visitas à escola. Em diálogos com o corpo diretivo foram identificadas as situações de violência mais recorrentes como manifestações de intolerância em relação aos “diferentes”, agressões verbais de caráter preconceituoso, depredações ao patrimônio da escola. Tal situação se agrava pelo comportamento permissivo de alguns pais em relação ao comportamento violento dos filhos. Há casos de pais de alunos violentos que inclusive alertam os professores (em tom de ameaça) de que não devem contrariar (isto, corrigir/educar) os seus filhos. Nos diálogos estabelecidos, os professores manifestaram a necessidade de receber apoio em ações voltadas a prevenir situações de violência e, principalmente, orientações sobre como lidar com tais situações (inclusive no aspecto legal). As informações já levantadas no desenvolvimento deste projeto



apontam que as escolas necessitam de apoio e envolvimento de diferentes segmentos sociais no processo de construção da cultura da paz.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades já desenvolvidas pelo projeto apontam que a violência no âmbito escolar é uma realidade. Embora, o comportamento violento de muitas crianças e jovens no espaço escolar, em certa medida, seja uma reverberação de outros ambientes onde vivem, a escola se depara com o desafio de ser (ou voltar a ser) um agente/espaço transformador dessa realidade. Viabilizar essa transformação social e cultural é um desafio que exige esforços de todos. Com o propósito de auxiliar nessa tarefa, o projeto está sendo desenvolvido fundamentado na premissa de que a cultura de paz é uma construção social e pessoal. O projeto se orienta por atividades de pesquisa e extensão pautadas no reconhecimento da humanidade e considerando que a solução para os conflitos passa pela negociação e pelo diálogo. Assim, do diálogo à ação, busca-se a sensibilização e também novas atitudes para um convívio social mais harmonioso e feliz.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13663.htm>. Acesso em:
23 ago 2019.

CNTE. Dados de violência escolar expõem mazela social e ausência de políticas públicas adequadas para a educação no Brasil. Disponível em:
<<http://www.cnte.org.br/index.php/comunicacao/noticias/18033-dados-de-violencia-escolarexpoem-mazela-social-e-ausencia-de-politicas-publicas-adequadas-para-a-educacao-nobrasil.html>>. Acesso em 02 nov 2018.

KRUG, E. G. et al. (Org.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2002.

MINAYO, M.C. S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: SOUSA E. R. (org), **Curso impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP; 2007. p. 21-35.

NUNES, Leonília de Souza. **Escuta sensível do professor: uma dimensão da qualidade da educação infantil**. 2009. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.